

A RELIGIÃO NA SOCIEDADE CAPITALISTA TENDO COMO ESSÊNCIA O SAGRADO

*Joelson Agostinho de Pontes**

A presente pesquisa tem por objetivo demonstrar perspectiva histórica da integração das religiões e dos negócios ou mercados, através do horizonte ou perspectiva capitalista buscando no sagrado esta essência ou elo importante. Em busca desta evidenciação, inicialmente temos no mercado uma atividade minuciosa que envolve uma série de acontecimentos de fatores internos ou externos, que ultrapassam os conceitos de crescimento ou decrescimento econômico e envolvem conjunturas culturais, políticas e sociais. No entanto, em vários casos, os planos estão presentes apenas na mente dos gestores, que na maior parte das vezes ou têm dificuldade em visualizar ou, nas palavras de Meyer: “[...] são ignorantes mesmo dos aspectos abrangentes relativos às construções histórico-culturais dos mercados em que atuam ou dos mercados potenciais de atuação e, em outros casos, os planejamentos estão escritos e formalizados”.¹

O termo capitalismo surgiu para qualificar o sistema político econômico existente na sociedade ocidental. Alguns autores definem o “capitalismo como um sistema onde todos os meios de produção são de propriedade privada”². A presença da propriedade privada, que caracteriza a existência do sistema, implica a capacidade de controlar a empresa produtora, permitindo a determinação para quem produzir, como produzir e quanto produzir. “Desta maneira o sistema econômico capitalista conseguiu inserir suas características no mercado de uma forma ampla, proporcionando a criação de qualquer cadeia ou segmento produtivo”.³

A história nos mostra o país que mais se aproximou deste sistema político foi os Estados Unidos da América, no século XIX. O que se encontra, na atualidade, no Ocidente, são grandes economias mistas, as quais os direitos de propriedade e liberdade individual são violados pelos governos através de leis e políticas econômicas que interferem diretamente nas decisões de seus agentes econômicos. A existência de bancos, empresários, indústrias, dinheiro, trabalho assalariado, juros, nada disto precisa ser estabelecido pelo governo, o que ele faz é agir como um agente regulador. Todas estas variáveis surgem no capitalismo, mas não são elas que fazem uma economia capitalista. “Isso só é possível pelo conjunto de instituições típicas do capitalismo e pela força governamental. Que permite a implantação de sistemas econômicos eficazes”.⁴

A religião é um fenômeno existente em todas as culturas e civilizações. As distinções entre as várias religiões derivam do modo como cada uma concebe o mundo superior e as relações entre este e os homens. É a maneira mais forte de manter os homens na linha interna desse sistema.

* Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória. Especialista Em Gestão Do Agronegócio Pela Faculdade De Pimenta Bueno. Graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande. Professor da Universidade Federal De Rondônia. E-mail: Joelson_ro@hotmail.com.

¹ MEYER, S. B. O conceito de Análise Funcional. In: DELITTI, M. (Org). *Sobre o Comportamento e Cognição*. Santo André: Arbytes, 1997.2 v. p. 59.

² WOOD, E. M. *A Origem do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 21-34.

³ HUBERMAN, L. *História da Riqueza do Homem*. 21 Ed. atualizada. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2011. p. 143-156.

⁴ HUBERMAN, p. 179-193.

Constatando a conturbada situação social, Gregório diz:

Religião é a crença na existência de uma força superior considerada como criadora do Universo. Trata-se de uma experiência universal da humanidade, através da qual tenta-se compreender os mistérios que envolve o homem e o seu relacionamento com o Criador. Essa crença, sendo manifestada de diversas formas, torna duvidoso o significado etimológico da palavra 'religião'. Alguns acham que ela deriva de *reler*, isto é, a atenta e cuidadosa observância dos rituais; outros acham que vem de *reeleger*, ou seja, opção básica de vida diante de sua meta última; outros ainda acham que procede de *religar*, ou seja, a vinculação do homem com sua origem e destino.⁵

A religião surge a partir do momento em que o indivíduo se sente totalmente perdido e sem um lugar na natureza e sem respostas às suas indagações mais intrínsecas e que recusam a abandoná-lo. “Para obter seus conselhos, sua proteção e sua compaixão tiveram que criar artifícios que o ligassem ao esquecer-se de alguma forma, mas, na verdade, esta era uma religião, considerando que ambos já estiveram ligados em vida”.⁶

Todavia, como tudo que nasce tem um propósito puro e com o tempo se deturpa, com a religião não foi diferente. “Tornou-se, com o tempo, sarcástica e abusiva, tão logo as famílias adquiriram poder, seus deuses subjugaram os outros transformando famílias inteiras em escravos, casamentos poligênicos e outras barbaridades”.⁷

James considerava a religião como os sentimentos, “atos e experiências dos homens individuais na sua solidão, enquanto se apreendem na relação em quaisquer coisas que considerem o divino”⁸. A religião não é apenas um fenômeno individual, mas também um fenômeno social. A igreja, o povo escolhido (o povo judeu), o partido comunista, são exemplos de doutrinas que exigem não só uma fé individual, mas também adesão a um determinado grupo social.

Segundo Maduro, o termo religião é:

[...] um vocábulo situado histórica, geográfica, cultural e demograficamente no seio de uma certa comunidade linguística e que é esta situação particular que dá o sentido ao vocábulo; um sentido rico, mas, no fundo, um sentido complexo, variável, múltívoco e confuso. É uma estrutura de discursos e práticas comuns a um grupo social referentes a algumas forças (personificadas ou não, múltiplas ou unificadas) tidas pelos crentes com anteriores e superiores ao seu ambiente natural e social, frente às quais os crentes expressam certa dependência (criados, governados, protegidos, ameaçados etc.) e diante das quais se consideram obrigados a um certo comportamento em sociedade com seus 'semelhantes'.⁹

“O capitalismo, subsidiado pela ciência e pela tecnologia modernas, consolidou processos de desumanização da natureza e desnaturamento do homem, elaborados pelas etapas da construção da ciência moderna, baseada no racionalismo”¹⁰, produziu-se um processo dicotômico confirmando externalidades recíprocas entre o homem e a natureza, ou seja, o homem passou a ser entendido como ser excluído do conceito de natureza, estando acima desta, pela superioridade de sua propriedade racional, legitimando a degradação da natureza, como se a mesma devesse-lhe uma custódia, levando-a a ser percebida ‘meramente’ como fonte inesgotável dos mesmos recursos, uma vez que, considerava-se que a natureza possuía mecanismos e engrenagens, tal como as máquinas,

⁵ GREGÓRIO, S. B. *Religião e Vivência Religiosa*, 2013, p. 6. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/artigos/sergio-biagi/artigo-religiao.html>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

⁶ FEUERBACH, L. *Prefácio sobre a essência da religião*. Campinas, SP: Papirus, 1989. p. 11-13.

⁷ FEUERBACH, 1989, p. 20-35.

⁸ JAMES, W. *La voluntad de creer*. Traducioncastellana Santos Rubiano. Madrid, 1922, p. 9-37. Disponível em: <<http://www.unav.es/gep/TraduccionesJames.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

⁹ MADURO, O. *Religião e luta de classes*. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1983. p. 31.

¹⁰ SOARES, B. E. C.; NAVARRO, M. A.; FERREIRA, A. P. Desenvolvimento sustentado e consciência ambiental: natureza, sociedade e racionalidade. *Ciências & Cognição*. Vol. 02: 42-49. Julho de 2004, p. 2. Disponível em: <www.cienciasecognicao.org/pdf/v02/cec_vol_2_m33411.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2017.

que tem a capacidade de se reproduzir eternamente e de maneira homogênea. Na verdade, passou a ser considerada como uma inimiga que deveria ser vencida a custos de pesados insumos. E, neste ínterim, seu semelhante, que se firma como meio de fazer esta engrenagem funcionar desapidadamente, torna-se objeto de exploração e meio de maiores ganhos por uma minoria que não produz absolutamente, nada.

A religião surge como uma fonte que os seres humanos buscam seu elo com o superior, com o invisível, com as forças da natureza sobre as quais não possuía o mínimo de domínio. Portanto, a religião pura orienta o homem e prepara na obtenção da perseverança, paciência, felicidade, caráter, amor, qualidades estas necessárias para superar seus anseios e limitações. Fortalece o homem em momento de aflições espirituais. “Em síntese, a religião tem função de estreitar os laços do homem com Deus, esta não, é de nenhuma maneira, uma simplificação excessiva da função da religião, mas a explicação do seu verdadeiro sentido”.

Conforme apresentado até o momento, a religião é crucial na vida dos seres humanos, para Fromm, “é uma necessidade inata que os mortais necessitam de ajuda e apoio, considerando que são desprovidos de tudo e dotados de superstição sobrenatural”¹¹. Mas foi esta mesma força que manteve o homem fiel a seus preceitos e não permitiu maiores abusos por parte dos detentores do poder, entretanto, em alguns momentos, ela também foi usada como plataforma de manutenção do poder.

Segundo Weber, “o encantamento religioso provoca o êxtase moral no indivíduo e seu engajamento no mundo do sublime, ou seja, o sujeito sente-se seguro de si mesmo através da segurança alcançada através de sua fé”¹². O sagrado, que o finito ser humano coloca lá em cima, para além do espaço e talvez para além do próprio tempo – baixa até o homem e este se eleva com ele. A divindade é algo que é a resposta, que revela ou soluciona as indagações, evidencia os mistérios encerrados na arca do tempo infinito. Não importa a maneira que o ser supremo tenha ou que assuma, seja celestial ou perceptível, seja imaginária ou física. Importa que esteja próximo do homem, que seja um meio de comunicação com o infinito e com o imponderável. Não importando, tampouco, os meios de que se utiliza para tornar-se presente, para manifestar-se e revelar seus oráculos. “Que o faça através dos elementos naturais, dos animais, dos seres inanimados, não importa, contanto que o faça”.¹³

Através dessa percepção, das características da evolução da sociedade humana no campo do sagrado, deve-se partir da análise dos processos concretos da vida social da existência humana. Não devem ser considerados num isolamento, mas dentro de uma etapa de evolução concreta, a que estão submetidos em determinadas condições. O indivíduo nunca deixou de procurar o sagrado por necessidade própria, mas por carência e dependência espiritual como prova de manutenção e existência terrenas,

O homem sente-se desamparado, desvalido, insolitamente jogado no tempo e necessitado de um auxílio divino. Sente-se vida, embora não saiba o que realmente é a vida. Afigura-se como que produzido por um momento do tempo, procura inutilmente refletir-se no espelho da natureza finita, ressabiado de sua pouquidão e efemeridade, percebe-se como um mero instante que balança e flutua no berço do tempo e logo some, desaparece no mesmo eterno tempo que o gerou. A dúvida, o questionamento, a insensatez de seu desgarramento num universo repleto de paradoxos impele-o a clamar aos deuses.¹⁴

Por fim, observa-se que sagrado faz parte da sociedade e é aí que começa o reencantamento da mesma por ele, porque consegue suprimir uma necessidade que o capital não tem condições de fazer. O universo que este último cria, para o homem, é finito, limitado, envolto

¹¹ FROMM, E. *Ter ou ser?*. Guanabara Koogan, 1987. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/filosofia/erich_fromm_ter_ser.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2017.

¹² WEBER, M. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 2 ed. São Paulo; Pioneira, 2010. p. 23-37.

¹³ FROMM, 1987, p. 30-34.

¹⁴ MIORANZA, C. O deus tempo. In: SIGNIER, J.; THOMAZO, R. *Sociedades Secretas*, Vol. I: Sociedades Secretas Religiosas. São Paulo: Larousse, 2008, p. 05.

em matéria incapaz de satisfazer a sua necessidade ou anseios, de fazer transcender a si mesmo, de oferecer-lhe a tão propalada segurança e um destino diferente ao que qualquer outro mortal possa obter.

REFERÊNCIAS

- FEUERBACH, L. *Prefacio sobre a essência da religião*. Campinas, SP: Papirus, 1989.
- FROMM, E. *Ter ou ser?*. Guanabara Koogan, 1987. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/filosofia/erich_fromm_ter_ser.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2017.
- GREGÓRIO, S. B. *Religião e Vivência Religiosa*, 2013, p. 6. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/artigos/sergio-biagi/artigo-religiao.html>>. Acesso em: 20 mar. 2017.
- HUBERMAN, L. *História da Riqueza do Homem*. 21 Ed. atualizada. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2011.
- JAMES, W. *La voluntad de creer*. Traducioncastellana Santos Rubiano. Madrid, 1922, p. 9-37. Disponível em: <<http://www.unav.es/gep/TraduccionesJames.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2017.
- MADURO, O. *Religião e luta de classes*. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.
- MEYER, S. B. O conceito de Análise Funcional. In: DELITTI, M. (Org). *Sobre o Comportamento e Cognição*. Vol. 2. Santo André: Arbytes, 1997.
- MIORANZA, C. O deus tempo. In: SIGNIER, J.; THOMAZO, R. *Sociedades Secretas*, Vol. I: Sociedades Secretas Religiosas. São Paulo: Larousse, 2008.
- JACQUES, M. G. C. et al.(Orgs.). *Relações Sociais e Ética* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008, p. 210. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/6j3gx/pdf/jacques-9788599662892.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2017.
- WEBER, M. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 2 ed. São Paulo; Pioneira, 2010.
- WOOD, E. M. *A Origem do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.